



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7593 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

INSURGÊNCIAS EDUCACIONAIS NUMA IRMANDADE NEGRA: DIALOGANDO COM A MEMÓRIA E AS TRADIÇÕES NEGROAFRICANAS

Analia Santana - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

Agência e/ou Instituição Financiadora: Não

INSURGÊNCIAS EDUCACIONAIS NUMA IRMANDADE NEGRA: dialogando com a memória e as tradições negroafricanas

1 INTRODUÇÃO

A partir do momento em que o negro se apreende e apreende o mundo diferentemente, faz nascer a esperança e impõe recuo ao universo racista, é claro que o seu trompete abandona o abafador e sua voz fica vibrante (FANON, 2005 p.278).

No momento pandêmico em que vivemos, no qual milhares de vítimas perderam suas vidas, esperar a educação, a memória e as tradições negroafricanas entrelaçadas pelas contas do rosário é refletir criticamente sobre alternativas educacionais que ocorreram e ocorrem em entidades não formais, como as irmandades negras, as quais contribuem para sua longevidade e para prolongar nossas vidas. E, tomando como base a citação de Franz Fanon, urge que as entidades e nós negras e negros, apreendamos a nós e ao mundo, para que nenhum abafador racista venha destoar as múltiplas vozes, que ecoamos nos diversos espaços do planeta. Porque a vibração das vozes diferentes é que dá beleza a diversidade e a pluralidade.

O presente texto traz um recorte reflexivo provisório da investigação em andamento, no Doutorado em Educação e Contemporaneidade[1], cuja temática é “ Eu Vi Meu Rosário Falar: Educação, Memória e Tradições Negroafricanas na Irmandade do Rosário dos Pretos

do Pelourinho nos Tempos Contemporâneos. Essa entidade foi fundada oficialmente em 1685, mas, desde o início desse século já estava em pleno funcionamento nos porões na antiga igreja da Sé, centro Histórico de Salvador (OTT, 1968). Seus fundadores foram negras/os Congos e Angolas, que dividiam os cargos de poder na Mesa Administrativa [2] em quase todo o período colonial, a partir das regras definidas no compromisso [3]. Mas, a entidade abrigava pessoas negras das diversas etnias e as nascidas no Brasil.

Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, na qual se investiga como se articulam a educação, a memória e as tradições negroafricanas na perspectiva de conhecer as estratégias de preservação da memória coletiva (POLAK, 1992), de um catolicismo africanizado (REGINALDO, 2011) e sua contribuição para a socialização dos saberes e construção de laços colaborativos com irmandades do Brasil e com entidades católicas de Angola. O recorte temporal feito é do final dos anos 1990, a (1997-2018, porém aberto à possíveis mudanças.

Nesse contexto, procuro pensar em práticas educativas em entidades não formais e percebê-las como imprescindível dos processos de luta e afirmação para que essas se insurjam nessa sociedade excludente. Alguns dos objetivos específicos são: Identificar as atividades educacionais mais relevantes na irmandade entre os anos 1997-2018 e sua influência nas relações internas e comunitárias; analisar e interpretar através dos registros orais e dos documentos os aspectos relacionados educação, memória coletiva e tradições negroafricanas no contexto da Irmandade.

Temos como pressupostos metodológicos a história oral e análise documental (ALBERT, 2010); (DELGADO, 2010); (MEIHY, 2002); (TOMPSON, 2012), buscando como instrumento de coleta de dados a entrevista temática com as/os colaboradoras/es da pesquisa, que são membros da entidade e aderiram a proposta da pesquisa. As irmandades são espaços de ação e vivência de muitos negros e negras, além de realizarem atividades de cunho religioso, cultural e social. É também espaço de luta contra o racismo, de empoderamento negro. Sabemos que desde o período colonial, nossos antepassados sofreram a tríplice exclusão: colonização, escravização e coisificação cujos resquícios estão disseminados em forma de racismo por toda a sociedade brasileira. A construção de caminhos de libertação, desenvolvimento de diálogos com diferentes esferas sociais e as lutas para manter seu próprio patrimônio, sua memória ancestral africana que por vezes eram ameaçados por irmandades de brancos estão no cerne do legado dessas entidades.

2 DESENVOLVIMENTO

No bojo da investigação em desenvolvimento, as irmandades negras têm um importante papel religioso, de reconstrução da identidade negra, preservação das culturas de origem africana, de interação com as entidades sociais e educativas. Pois, as mesmas já tiveram nos seus espaços atividades educativas diversas, como alfabetização dos seus membros, cursos práticos e formativos para os seus confrades e a comunidade em geral.

A partir das irmandades, “soube o negro aproveitar para reconstruir seu mundo existencial e social, expandindo os valores civilizatórios africanos no âmbito das sociedades urbanas nascentes no Brasil” (LUZ, 2000, p.348). E elas serviram de canal de ascensão social para negros e negras. Eram formadas por negros e negras (as) oriundos do Congo e Angola, que dividiam o poder na Mesa Administrativa. Também acolhiam jejes, nagôs e forros.

É nesse contexto que situamos a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário Pretos do Pelourinho, como é popularmente conhecida, ou Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo (Irmandade dos Homens Pretos), entidade religiosa católica, fundada em 1685, por negros e negras Bantu ou Congos e Angolas. Há registros de que desde 1604 ela já funcionava nos porões da antiga Igreja da Sé. Ela também abrigou jejes,

forros e crioulos. De acordo com Bacelar e Barbosa (1974), no século XVII era incontestável a superioridade numérica dos negros de Angola e do Congo, isso justifica o porquê das primeiras irmandades serem compostas exclusivamente por negros vindos de Angola e seus descendentes.

As tessituras construídas nesse estudo, me permitem pensar a Irmandade, como produtora de saberes e de conhecimentos que precisam ser registrados mais sistematicamente e socializados. Enquanto entidade católica negra registra-se que existe “o reconhecimento de um cristianismo africano, como uma variante ocidental ou, ainda, a afirmação de uma reinterpretção africana dos símbolos e práticas cristãs [...]” (REGINALDO, 2005, p. 41).

Ao articular educação, memória e tradições negroafricanas nos tempos contemporâneos, buscamos dialogar com o contexto da entidade, na perspectiva de perceber a educação como um ato maior que busca a democratização da sociedade, da escola, dos espaços sociais e a transformação social (FREIRE, 1992). A memória coletiva vinda dos ancestrais (WALSH, 2013) e como espiral que nutre a história se inscreve no corpo (MARTINS, 1997). E tradições negro africanas como processos criativos alicerçados pela tradição oral e pelos valores ancestrais africanos e afro-brasileiros (KI- ZERBO, 2010).

Afirmamos que enquanto pesquisadoras/es em educação, estamos imersos com campo e objeto pesquisado. Contudo, tendo o cuidado de manter certo distanciamento crítico, ético e analítico. Embora os cânones tradicionais rechacem, “ser uma pessoa ‘de dentro’ produz uma base rica, valiosa em pesquisas centradas em sujeitos” (QUILOMBA, 2019, p.83). Por isso, procuraremos produzir narrativas amparadas em vozes, textos, imagens, documentos e também nas subjetividades das/os colaboradoras/es da pesquisa que possibilitem outras formas de comunicar ciências. E, ao mesmo tempo, fazer referência a “todos aqueles que morreram sem se realizar, todos os negros escravizados de ontem, os supostamente livres de hoje, libertam-se na vida de cada um de nós que consegue viver, que consegue se realizar” (EVARISTO, 2006, p. 103).

Nessa perspectiva, a educação é um campo privilegiado e movediço para desenvolver epistemologias que transcendam a lógica ocidental da “verdade” única. Insurgir-se é abrir-se para epistemologias de alarguem os espaços de discussão para incluir estudos e temáticas ainda pouco estudadas, mas que corroboram na ampliação dos conhecimentos, trazendo para a arena de reflexão a potência das contribuições negroafricanas indígenas e afro-brasileiras, suas memórias e saberes.

2.1 INSURGÊNCIAS EDUCACIONAIS EM INTERFAÇE COM A MEMÓRIA E AS TRADIÇÕES NEGROAFRICANAS

A educação não se separa das tradições negroafricanas e nem da memória, ambas se articulam, porque nas comunidades afro-brasileiras cada grupo procura recriar suas tradições culturais, reinventando-as, mas também, procurando na medida do possível manter as raízes ancestrais. Ao nos referirmos às tradições negro africanas “o passado torna-se fonte de inspiração; o presente, uma arena de respiração e o futuro, nossa aspiração coletiva” (NGUGI, 1997, p.139).

Faz-se necessário, uma reflexão que aborde a educação, a memória e as tradições negro africanas para que compreendamos a dinâmica da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Pelourinho, enquanto uma entidade iniciada no período colonial, que se recria, mantendo seu legado religioso, histórico, cultural e comunitário.

Tenho observado que essa entidade, ao longo de sua trajetória, e, especificamente nesses tempos contemporâneos, tem buscado a seu modo desenvolver diversas atividades

educativas dentre eles: curso de alfabetização para seus membros, curso pré-vestibular em parceria com o Instituto Cultural Stive Biko (2003-2004), um dos focos da nossa investigação; cursos de formação para agentes de turismo e agências sobre a história da entidade para minimizar estereótipos, cursos de introdução às novas tecnologias, de línguas estrangeiras, lançamentos de livros, seminários, encontros, palestras, mesas redondas tendo como foco a temática afro-brasileira e africana, participação no Fórum Social Mundial (2018), participação na Festa Literária Internacional do Pelourinho (FLIPELÔ), desde a primeira edição em 2017.

Essas e outras atividades educativas são foco da investigação que está em desenvolvimento. Apoiando-me em Nilma Lino Gomes (2017), quando afirma o papel educativo e emancipativo do Movimento Negro e procurarei afirmar também a irmandade do Rosário, enquanto parte do Movimento Negro, também é uma entidade educativa. A autora ressalta que:

Reafirmamos que o Movimento Negro constrói um projeto educativo emancipatório e, dentro deste, socializa os saberes construídos pela população negra ao longo da sua trajetória histórica. Esses saberes são fruto de subjetividades desestabilizadoras construídas na trajetória dos negros, das negras e nos seus corpos. Subjetividades que foram passadas de geração em geração como herança, cultura e resistência. [...] visa a educação como processo de formação humana, vivido por todos nós. Visa, ainda, promover um processo social, cultural, pedagógico e político de reeducação do negro e da negra sobre si mesmos e sobre o seu lugar de direito na sociedade brasileira. E reeduca os outros segmentos étnico-raciais e sociais na sua relação com o segmento negro da população, suas lutas por direitos e suas conquistas (GOMES, 2017, p. 130).

A partir da perspectiva acima, nossa pesquisa se articula para reverberar saberes e conhecimentos educativos construídos na Irmandade Negra do Rosário dos Pretos do Pelourinho. Nesse sentido, nessa pesquisa as falas dos/das colaboradores (as), enquanto sujeitos históricos, produtores de saberes e conhecimentos tanto da sua experiência escolar tanto na irmandade, constituirão fios que unem as contas da memória para entender o objeto de estudo. A memória é a mola mestra que articula as ações, pois, “o estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais, a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento” (LEE GOFF, 1990, p.426).

De acordo com Catherine Walsh (2013), é imprescindível “afirmar o significado profundo do vivido e da diferença afro ancestral, não como relíquia do passado, ou patrimônio do passado, mas sim, como existência atual e enraizada em seu território de onde confluem saberes, cosmovisão, espiritualidade e bem-estar coletivo[4]” (WALSH, 2013, p. 65). A autora ainda acrescenta que:

Escribir esta memoria colectiva, es decir, poner en letra las memorias y enseñanzas que vienen de la tradición oral para su uso “casa adentro” y también “casa afuera”, há sido componente clave en la pedagogización afro-decolonial [...].Eso frente al momento actual de distanciamiento de las generaciones nuevas, de las voces de enseñanza y aprendizaje de las abuelas y los abuelos, como también frente a la necesidad, cada vez más urgente, de visibilizar la diferencia afro-ancestral y su lucha ontológica-existencial ante las políticas públicas urbanas de inclusión dirigidas al problema de racismo y discriminación y a la inclusión —dentro de las instituciones sociales [...] (WALSH, 2013, p. 65)

Considerando o exposto acima, essa pesquisa, leva em consideração que na memória coletiva das Irmandades Negras, ocorre revivificação de um saber da filosofia Bantu, onde a força vital ou força ancestral se recria em movimento circular que dinamiza e dialoga constantemente com o presente e o passado, ou seja, “o descendente e seu antepassado” (MARTINS, 1997, p. 36).

Assim, a educação nos propicia a invenção de uma arte de existir para ampliar a visão de mundo e interagir com os diferentes mundos. Desse modo, observando o momento difícil que estamos vivendo nessa pandemia, a educação libertadora e emancipadora articulada com a memória coletiva em entidades negras e na sociedade devem perspectivar esperança de vida, deve ser nosso principal investimento.

3 RESULTADOS PROVISÓRIOS

A pesquisa está em andamento, mas é possível fazer algumas incursões sobre o objeto, porque na sua dinamicidade ele traz muitas contribuições para a educação. As entidades negras, mas particularmente as irmandades negras reverberam uma potência de saberes ainda pouco conhecidos da comunidade em geral.

A Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho, articula muitas práticas educativas tanto para seus membros, quanto para a comunidade em geral e iremos dar visibilidade a essas práticas. A educação como princípio norteador dessa entidade é um resultado que ousou já afirmar provisoriamente. Acredito que se confirmará no decorrer da tese. Suas práticas educativas alargam sua existência de mais de quatrocentos anos, porque ela dialoga com os diferentes setores da sociedade e com tempos históricos distintos corroborando para manter nossa vida ativa.

Portanto, essa Irmandade Negra, além entidade do catolicismo negro-africanizado, é também espaço coletivo educativo e educador onde a oralidade, a ancestralidade e as tradições negroafricanas permeiam sua religiosidade, suas práticas e vivências.

4 INCONCLUSÃO

O presente texto procurou tecer reflexões preliminares sobre a pesquisa de doutorado em Educação e Contemporaneidade em andamento que investiga a educação, a memória e as tradições negroafricanas na Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho, fazendo um recorte temporal de (1997-2018), na perspectiva de visibilizar às atividades educativas desenvolvidas pela Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora (Irmandade dos Homens Pretos) e das Mulheres Pretas, ou como é popularmente conhecida Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho. E, também compreender suas articulações internas e externas para realizar tal empreendimento.

Procurei refletir sobre as diversas atividades educativas que a entidade tem desenvolvido, mesmo não sendo uma entidade formal de educação. Ela corrobora significativamente para educar seus membros, frequentadores e a comunidade em geral através de cursos, palestras, mesas redondas, seminários, encontros, participação em eventos nacionais e internacionais. Isso tem possibilitado sua atuação efetiva tanto religiosa, quanto educativa nesses mais de quatrocentos anos de existência.

REFERÊNCIAS

ALBERT, Verena. **Manual de História Oral**. 3ª. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

BACELAR, Jeferson; BARBOSA, Maria Conceição de. **O Rosário dos Pretos do Pelourinho**. Salvador: Fundação do Patrimônio Artístico cultural da Bahia. 1974.

DELGADO. Lucília de Almeida Neves. **História Oral: memória, tempo identidades**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

EVARISTO, Conceição. **Becos de Memória**. Belo Horizonte: Mazza, 2006.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Tradução Enilce Albergaria Rocha, Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação Episódios de racismo Cotidiano**; Tradução Jess Oliveira. 1ª ed. Rio de Janeiro: Cabogó, 2019.

LE GOFF, Jacques. **Memória e História**. Tradução Bernardo Leitão [et al.], 7ª Ed. Revista. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2013.

LUZ, Marco Aurélio. **Agadá: Dinâmica da Civilização Africano Brasileira**. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2000.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória: o reinado do rosário do jatobá**. São Paulo: Perspectiva, 1997.

NGUGI WATHI ONG'O, Thiong'o. *Writers is politics, a re-engagement wits issue of literature and society*. **A revised and enlarge edition**. Oxford: James Curreu/ Nairobi: EAEP/Ports Mouth Heinemann, 1997.

OTT, Carlos. A irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos do Pelourinho. **Revista Afro-Ásia** nº 6-7. CEAO-UFBA: Salvador, 1968, p. 119-126.

POLLAK, Michel. Memória, e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

REGINALDO, Lucilene. **Os Rosários dos Angolas: Irmandades Negras, experiências e identidades africanas na Bahia setecentista**. 2005. 290f. Tese (Doutorado em História) – Universidade de Campinas - UNICAMP, Campinas, SP: UNICAMP, 2005.

REGINALDO, Lucilene. **Os Rosários dos Angolas: Irmandades de africanos e crioulos na Bahia setecentista**. São Paulo: Alameda, 2011.

WASLH, Catherine. **Pedagogías decoloniales: Prácticas insurgentes de resistir,(re) existir y (re) vivir**. Tomo I. Quito, Equador: Ediciones Abya-Yala, 2013.

RESUMO

O artigo versa sobre as práticas educativas na Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho, entidade quadrissecular, trazendo um recorte provisório da pesquisa de doutorado em Educação e Contemporaneidade, que está em percurso investigativo. A entidade tem buscado ao longo da sua trajetória, desenvolver atividades de cunho religioso, assistencial, educativo e cultural. Isso tem corroborado significativamente para que ela se mantenha ativa nos os diversos tempos históricos. A Irmandade corrobora significativamente, para educar seus membros, frequentadores e a comunidade em geral, através de cursos, palestras, mesas redondas, seminários, encontros, participação em eventos nacionais e internacionais. Isso tem

possibilitado sua atuação efetiva tanto religiosa, quanto educativa nesses mais de quatrocentos anos de existência.

Palavras-chave: Irmandade. Educação. Memória. Tradições.

[1] Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade; Linha I Processos Civilizatórios: Educação, Memória e Pluralidade Cultural da Universidade do Estado da Bahia (PPGEDUC/UNEB).

[2] A Mesa Administrativa é o grupo eleito a cada dois anos para dirigir a Irmandade. Ela é composta por: Prior, Vice-Prior, Tesoureiros, Secretários, Mestre de Culto, Mestre de Noviços, Procurador –Geral, um casal de Visitadores e oito Definidores.

[3] O compromisso é o documento que rege as irmandades na Igreja Católica, ele tem validade civil e eclesiástica, pois é registrado em cartório e validado pela autoridade eclesiástica.

[4] Tradução nossa.